



**IMPrensa UNIVERSITÁRIA**  
Departamento de Divulgação - UFSM



---

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**

# **KINESIS**

**KINESIS**

**V. I**

**N. I**

**1-106**

**JAN-JUL-85**

---

DESEJAMOS ESTABELECEER PERMUTA  
COM REVISTAS SIMILARES.

DESEAMOS ESTABELECEER EL CAMBIO  
CON REVISTAS SIMILARES.

ON DÉSIRE ÉTABLIR L'ÉCHANGE AVEC  
LES REVUES SIMILAIRES.

EXCHANGE OF SIMILAR PERIODICALS  
ARE LIGHLY APPRECIATED.

WIR WÜRDEN GERN EINEN AUSTAUSCH  
MIT ZEITSCHRIFTEN ÄHNLICHER FACH-  
AUSRICHTUNG DURCHFÜHREN.

**PERIODICIDADE:** SEMESTRAL

**ASSINATURA ANUAL:** CR\$ 9.772.00 (40% DA ORTN DE JANEIRO  
ANO DA ASSINATURA)

**ENDEREÇO:**

**REVISTA KINESIS**  
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS  
UFSM - CAMPUS UNIVERSITÁRIO - CAMOBI  
FONE (055) 226-1616 RAMAL 2246  
97.100 - SANTA MARIA/RS-BRASIL

---

### **CONSELHO EDITORIAL**

Prof. Dr. Aluísio Otávio Vargas Avila - CEFD/UFMS  
Prof. Dr. Go Tani - USP/SP  
Prof. Dr. Jefferson Thadeu Canfield - CEFD/UFMS  
Prof. Dr. João Luiz Zinn - CEFD/UFMS  
Prof. Lamartine Pereira da Costa - MEC/SEED/SUEPT  
Prof. Dr. Manoel José Gomes Tubino - UGF/RJ  
Prof. Dr. Renan Maximiliano F. Sampedro - CEFD/UFMS

### **COMISSÃO EDITORIAL**

Profa. Cecy Funck Rubin (Presidente)  
Prof. Cândido Simões Pires Neto  
Profa. Maria Augusta Salin Gonçalves

**CAPA:** Alexandre Smidt

**KINESIS.** ( CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E  
DESPORTOS. UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA MARIA ).  
SANTA MARIA, RS - BRASIL

**IASI-18520**

OS ARTIGOS PUBLICADOS NESTA REVISTA SÃO DE  
INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES. QUAL-  
QUER REPRODUÇÃO DOS TRABALHOS DEVERÁ CONTER  
O NOME DA REVISTA.



---

## SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b> .....	7
<b>ENSAIOS</b>	
DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE NA CRIANÇA <b>MOSQUERA, JUAN JOSE M</b> .....	9
REFLEXÕES PEDAGÓGICAS SOBRE CURRÍCULO EM EDUCAÇÃO FÍSICA <b>HILDEBRANDT, REINER</b> .....	27
MUDA BRASIL COMEÇA NO ESPORTE ESCOLAR <b>SEED/MEC</b> .....	35
<b>PESQUISAS</b>	
ESTUDO DESCRITIVO DO PERFIL PROFISIONAL DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O ENSINO DE 1º E 2º GRAU <b>MUNARO, CLAIRE MARIA</b> .....	39
UTILIZAÇÃO DE MATERIAL DIVERSIFICADO NA APRENDIZAGEM DOS PRINCIPAIS FUNDAMENTOS DO VOLIBOL RECREATIVO <b>FRIDRICH, ARY RUDOLFO</b> .....	53
DETERMINAÇÃO DO PERCENTUAL DE GORDURA CORPORAL EM HANDEBOLISTAS FEMININAS <b>PIRES NETO, CANDIDO SIMÕES</b> .....	69
BIOMECÂNICA: ANÁLISE DAS PROVÁVEIS RELAÇÕES ENTRE O COMPRIMENTO SEGMENTAR INFERIOR, TEMPO DE MOVIMENTO, TEMPO DE TREINAMENTO, IDADE E FAIXAS, NO KARATÊ <b>RODRIGUES, SILVIO CLAUDIO &amp; RODRIGUES, MARIA IRANY</b> .....	83
<b>LIVROS</b> .....	97



---

## EDITORIAL

Os primeiros passos de uma jornada são sempre os mais difíceis. Os outros, cada vez mais seguros, virão automaticamente. A revista KINESIS, lançada em dezembro de 84 e entregue ao público no corrente ano, também inicia sua jornada timidamente.

As dificuldades materiais e humanas que cercam uma publicação deste tipo são imensas. A montagem artesanal de toda a revista e sua impressão pela Imprensa Universitária são testemunhas dos problemas que já fazem parte do cotidiano de uma Universidade autárquica. Toda esta problemática concorreu, sem dúvida, para o atraso na entrega dos dois exemplares que fazem parte de nosso compromisso com os assinantes de 1985.

Solicitamos, face às nossas dificuldades, a compreensão de nossos leitores. Sobretudo, a sua tolerância. Esta virtude, diz Paulo Freire, "é fundamental não só do ponto de vista político, mas também existencial". Portanto, os que em nós confiaram aguardem suas revistas e concedam-nos a sabedoria da tolerância. Honraremos nosso compromisso.

Esperamos de agora em diante, graças ao apoio do CNPQ e FINEP, manter a periodicidade e a qualidade de nossa publicação.



## DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE NA CRIANÇA

ENSAIOS

\* Juan José Mouriño MOSQUERA

### PARA MEDITAR:

A criança → "Ela cresce. Vive com mais intensidade, sua respiração se faz mais rápida, seu pulso bate mais depressa; constrói o **seu ser**, toma amplitude, se aprofunda mais na vida. Cresce dia e noite: durante o sono, no meio dos jogos, risos e choros, e também quando faz bobagens, depois vem, toda envergonhada, pedir perdão"

E ainda: "No curso do seu crescimento conhece as primaveras do trabalho intenso e os outonos do repouso. Seu coração tem, por vezes, dificuldade de seguir, seus ossos aumentam, glândulas mudam de química, se atrofiando ou se despertando; aparecem carências ou excessos e inquietudes e surpresas sempre novas".

Continuando: "Às vezes, gostaria de correr, respirar o ar livre, lutar, levantar peso, alcançar vitórias; às vezes, gostaria de se esconder num certo canto, devanear, evocar lembranças nostálgicas. Alternativamente, gosta da vida dura, do esforço e da tranquilidade, do calor e do conforto. Seus entusiasmos e seus desalentos se sucedem".

Como conclusão: "Respeito os mistérios e transtornos deste trabalho duro que é o crescimento".

Ainda nos diz o autor, em tom de alerta: "As crianças constituem uma porcentagem importante da humanidade, de sua povoação, povos e nações, e como habitantes nossos considadãos, nossos companheiros de sempre. Elas estavam, estão, estarão".

---

\* Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Professor Titular da Pontifícia Universidade Católica/RS

Em sã consciência podemos dizer que realmente as conhecemos ?

KORCZAK, JANUSZ. **O direito da criança ao respeito.** São Paulo ,  
Perspectiva, 1984, p.50-51.

## 1. REFLEXÕES INICIAIS

Em um momento em que os desequilíbrios e agressões se sucedem pelo mundo inteiro, em que o índice de mortalidade infantil e analfabetismo continuam assustadores, podemos nos perguntar que tipo de **planeta** estamos deixando para as crianças do próximo milênio.

A História nos tem mostrado um evoluir específico a respeito da concepção sobre a criança. As interpretações dadas por diversos autores, entre eles DEMAUSE (1974) e ARIÈS (1962) que, embora contraditórias, evidenciam o como a problemática interessa. Cabe, entretanto, perguntar se **é ainda suficiente** este evoluir conceitual ou estamos bastante longe de uma dimensão mais profunda e crítica?

Às perguntas: **quem é uma criança ? O que ela representa ? Por que se comporta deste modo ?** Podemos dizer que já temos algumas respostas, mas cremos não suficientes, visto que muitos preconceitos e estereotípias nublam a nossa compreensão e entendimento.

Por outro lado, o desconhecimento das fronteiras exatas da criança se advertem muito bem na delimitação do processo educacional . Por isto, a estereotípias tem sido um dos recursos mais utilizados para poder elaborar conceitos e estratégias que pareçam úteis, nas diferentes sociedades.

Em muitos momentos a infância passou a ter conotação de ser a criança um adulto em miniatura ou ainda de a infância ser idêntica, em qualquer latitude e longitude.

Estas falácias foram largamente exploradas nos diferentes campos do conhecimento humano. A idéia de **um homem em miniatura**, que expressaria **um homem em tamanho reduzido**, se contrapõe à realidade da **criança por si mesma**.

No que tange à infância como conceito unilateral, também apresenta estereotípias que nos empanam o conhecimento infantil, através de um modelo frequentemente retirado de um só tipo de criança. A cultura, as diferenças sociais, as estruturas orgânicas, a **nutrição** ambiental, estruturam diferentes tipos de personalidades infantis, que são nitidamente diversas, embora apresentem aspectos semelhantes.

Por outro lado, a criança sofre um processo histórico de desenvolvimento que está em íntima relação com as expectativas sociais, técnicas de criação de filhos e processos educacionais formais. Ainda sem a suficiente comprovação, recebe a grande influência dos meios de comunicação de massa.

Parece difícil, pois, definir a criança. CHATEAU (citado por DEBASSE, in GRATIOT ALPHANDÉRY et ZAZZO, 1972 ) com um certo humor comenta que um velho sábio lhe pediu que lhe dissesse, simplesmente, o que era uma criança. Este autor confessa que foi um exercício altamente penoso, do qual não tem certeza ter-se saído bem.

A dificuldade começa, quando se trata de invocar o tamanho da criança ou as suas formas, pois a morfologia infantil é um critério para definir estados desenvolvimentais mas não para explicar a criança como tal.

No que diz respeito a fatores fisiológicos a coisa se complica ainda mais, pois a criança é um ser que cresce e declina (embora em outras fases da vida o crescimento e o declínio se dêem de maneiras diferentes).

A definição de criança pela sua morfologia ou fatores fisiológicos apresenta aspectos muito discutíveis, pois o crescimento não define a personalidade, apenas é um indicador da estruturação genética que cada ser humano desenvolve de acordo com uma programação vital que, em grande parte, é misteriosa.

Poderíamos pensar que a criança pode ser reconhecida como tal pelos seus modos de agir e ser. O comportamento infantil seria mais ou menos instável se comparado com o do adulto.

Novamente a dúvida parece nortear esta exposição, já que, na verdade, a estabilidade comportamental é muito discutível, porque

está afetada por inúmeros fatores de difícil manipulação na existência do sujeito, seja criança ou adulto.

No que tange ao **conhecimento** e ao brincar, fatores considerados diferenciadores, podemos questionar o que se entende por conhecimento e o que é brincar, pois a atividade cognitiva sempre existe no ser humano (só varia em multiplicidade e complexidade), estruturando fases que podem ser alteradas de acordo com processos educacionais acelerados.

Já no brincar a discussão se elaboraria a partir do que hoje se conhece como **jogo social** e que levou a muitos teóricos e pesquisadores da Sociologia e Psicologia Social a reconhecer que a profissão, os desempenhos e atributos dos adultos não passam de formas de **jogar** ante situações sociais e culturais.

A diferença sutil entre o jogo infantil e o jogo adulto radica em que o primeiro seria uma atividade espontânea e criadora e o segundo obedeceria a regras e padrões previamente estabelecidos. Entretanto restam muitas dúvidas, pois parece que os jogos espontâneos são decorrentes dos padrões ocultos da cultura.

Talvez a maneira mais significativa de traçar o perfil da criança seja considerá-la como uma personalidade em desenvolvimento, na estruturação da sua consciência íntima de ser. É aquilo que JERSIL (1973) denomina como fatores emergentes do nascimento psicológico da vida infantil. O SELF representa um dos ingredientes propulsores da definição da vida do ser humano, nos primeiros momentos da existência.

Também outro aspecto significativo é a consideração de que através da **socialização** a criança se humaniza e hominiza, embora possa-se discutir filosoficamente tais conceitos; pois a Humanidade radicaria na aprendizagem ou estaria implicada na **natureza do próprio ser vivo ?**

A questão parece ser bastante insolúvel. ANASTASI ( in BIJOU et BAER, 1975 ), chamou a atenção sobre a questão da **herança e meio ambiente**, como o centro de uma viva controvérsia, tanto quanto outros defenderiam a idéia de homem, partindo de um conhecimento mais radical sobre estes aspectos básicos do Desenvolvimento da Persona-

lidade .

Se diz que o organismo que reage é um produto dos seus genes que condicionam grande parte do comportamento.

Por outro lado, o ambiente apresenta inúmeras estimulações e grande parte do comportamento seria aprendido em interação com ele.

Para ANASTASI o importante é reconhecer em que grau as influências herdadas têm papel significativo e em que medida os estímulos ambientais reagem. Por isso é necessário conhecer as condições hereditárias que se apresentam como determinantes nas diferenças do comportamento em grupos de animais ou seres humanos criados de maneira seletiva. O enfoque etológico é extremamente viável. Outro aspecto seria considerar as relações entre variáveis fisiológicas e diferenças individuais, especialmente no caso de perturbações patológicas, e questionar a sua origem.

Parece conveniente também ver o papel dos fatores fisiológicos pré-natais no desenvolvimento do comportamento. Acresce-se, ainda, a influência da experiência precoce no que diz respeito a eventuais características do comportamento.

Creemos ser significativas as diferenças culturais nas práticas de criação de crianças em relação ao desenvolvimento intelectual e emocional. Os dinamismos das relações somatopsicológicas e o desenvolvimento psicológico de gêmeos desde a infância até a idade adulta podem ser úteis no reconhecimento de como a criança estrutura a sua personalidade.

Parece justificado o ponto de vista de GORDON (1975), quando coloca a questão dizendo que os fatores hereditários, constituídos pelas aparências físicas, as tendências somáticas, a inteligência, temperamento, acrescidas das influências pré-natais como aspectos

**KINESIS**

LEIA  
ASSINE

endócrinos e saúde da mãe, nos possibilitam um quadro referencial para, posteriormente, entender as necessidades e impulsos da criança pequena.

Todos estes fatores, concorrem para o desenvolvimento e a emergência do SI MESMO.

GORDON (1975) chama a atenção para o fato de que o **self consiste em um auto-sistema que depende de dois grandes processos: diferenciação-integração e percepção. Estes se desenvolvem de maneira transaccional e emergem com o organismo no seu ambiente.**

É importante que o desenvolvimento do SI MESMO parte de um controle motor que possibilita o reconhecimento da organicidade e sentido corporal, que traz como habilidade a exploração do mundo ao redor, evidenciando aspectos básicos de relações interpessoais que criam pontos significativos a respeito do **mapa** de si. A sensibilidade é, pois, o básico recurso para uma vida de dimensões afetivas, cognitivas e sociais integradas.

## 2. ESTRUTURAÇÃO DA VIDA SENSÍVEL

Um dos primeiros autores a estudar a vida sensível foi RIBOT (1945), que salientou a conveniência de fazer, em grandes traços, a evolução da afetividade desde sua mais humilde manifestação (isto é, a **sensibilidade orgânica**), até formas mais complexas e elevadas como os ideais, valores e virtudes sociais, sensibilidade, de certo modo, espiritual.

Todos os estados denominados emoções, sentimentos, paixões que se evidenciam em alegria, tristeza, medo, ambição, reverência religiosa, partem de um duplo aspecto, o objetivo (ou exterior) e o subjetivo (ou inteiror).

As manifestações são as evidências e tentativas de conhecermos a vida da sensibilidade. O primeiro grande período, segundo RIBOT, é o da **sensibilidade protoplasmática**, considerada por este autor vital, orgânica e pré-consciente. Na vida afetiva existe uma região básica que denomina de sensibilidade vital ou orgânica (que é a forma embrionária de toda a sensibilidade). Por outro lado, as emoções não existem de maneira pura como **estados de consciência**, pois

parece que o prazer e a dor estão sempre intimamente ligados aos estados emocionais, sendo inerentes aos seres vivos.

RIBOT apresenta estados sensíveis que considera importantes para compreender o comportamento do ser humano. São:

- **estado agradável** : que produz prazer e alegria;
- **estado penoso** : cujas evidências são a tristeza e a amargura, sendo a incubação da maior parte das doenças e redundando, em casos extremos, na destruição de si;
- **estado de medo**: muitas vezes sem razão nem causas aparentes, configurando a ansiedade e desempenhando o papel vital na saúde do ser humano;
- **estado de excitação**: cujas evidências são a raiva e a cólera e se configura de maneira bastante significativa em estados de frustração.

Os estados apresentados têm importância vital, pois são fundamentais no desenvolvimento dos sentimentos e ideais de vida.

Sustenta RIBOT que a vida sensível é básica para entender o desenvolvimento do ser humano e esclarece o **quadro da evolução e crescimento** da criança pequena.

MAHLER e outros (1977) tentaram provar através de interessante pesquisa que o nascimento biológico do homem e o nascimento psicológico não coincidem no tempo. O primeiro é um evento bem delimitado, dramático e observável. O último um processo intrapsíquico de lento desdobramento.

Estes autores acreditam que o nascimento psicológico da criança é um processo de **separação-individuação** e consiste no estabelecimento do sentido de desligamento do mundo real e da relação com este mundo, particularmente no que tange às experiências do próprio corpo do sujeito e **objeto primário do amor**.

Este processo continua através de todo o ciclo da vida, nunca termina, permanece sempre ativo e se nutre das experiências adquiridas.

O processo de **separação-individuação** segue-se a um período sim

biótico de desenvolvimento, implica na aquisição, pela criança, de um funcionamento autônomo na presença da mãe e sua disponibilidade emocional, pois a criança é continuamente confrontada, segundo MAHLER, com ameaças de perda de objeto.

Deste modo podemos dizer que as bases da afetividade parecem radicar-se no lento e gradual reconhecimento da pessoa em si mesma. Para que isso aconteça, segundo CHAPMAN (1974) é necessário que existam algumas formas determinantes que ajudem para o desenvolvimento sensível. O amor, as limitações realistas e a estimulação para o crescimento são três dimensões básicas que estabilizam ou põem em perigo a estruturação da personalidade.

O amor é a forma primeira e crucial para o desenvolvimento de relações com o mundo, pois ajuda na criação de estima, solidifica sentimentos e elabora forças para defrontar as frustrações que, inevitavelmente, acontecem em cada existência.

Por outro lado, conhecer as limitações é sumamente importante para ter sucesso nos desempenhos. Grande parte da incompetência infantil decorre não da inferioridade da criança mas de irreais maneiras de como ela está sendo criada.

A sociedade tem inúmeras regras, restrições e limitações. É evidente que nem todas são corretas, lógicas ou desejáveis. É importante conhecê-las para melhor estruturar uma sensibilidade cultural e um conhecimento específico do que o mundo pode oferecer.

A vida sensível encontra sérias limitações ante as normas que cada sociedade impõe. Existe uma dissonância entre aquilo que somos, o que nos propomos ser e aquilo que nos deixam ser. O conhecimento de algumas limitações, especialmente as mais significativas, quebra o mito de uma sociedade hedonista que dá uma visão falsa para a criança e, em alguns casos (isto pode acontecer especialmente em classes sociais marginalizadas), oferece um mundo completamente diferente daquele que mais será obrigada a viver.

O Desenvolvimento da Personalidade infantil requer uma progressiva independência da criança frente a si mesma e aos adultos. Desse modo, se o primeiro ano de vida é praticamente de dependência, já a partir do segundo e do terceiro esta independência se torna ne

cessária para possibilitar um desenvolvimento que atenda a um equilíbrio pessoal e fenomenológico.

ZLOTOWICZ (1976) diz que a impressão mais comum no estado psíquico constante da criança recém-nascida é o da aflição. O desamparo é tema sobejamente conhecido, através do qual constatamos as antinomias que nos propõe o desenvolvimento humano e sua dialética com a história.

Aos longos episódios de sono sucedem-se momentos de fúria incontrolada para ser alimentada. A criança recém-nascida surge imperfeitamente preparada para sua existência extra-uterina. O seu equilíbrio térmico é precário. A digestão difícil, e praticamente durante os três primeiros meses vive em um estado de recolhimento interior. Parece, pois, que a impotência seria a tônica mais relevante do recém-nascido.

RECA (1973) manifesta que só mediante um artifício é possível falar dos processos afetivos ou da evolução da afetividade em forma isolada. Concordamos com este pensamento pois, no nosso entender, a vida afetiva é a base de todo o desenvolvimento personalógico e caraterial do ser humano.

O ser criança é inicialmente fisiológico. É um organismo dotado de potencialidades dentre as quais está a de desenvolver uma vida psíquica.

Este estado rudimentar primário foi reconhecido por autores como SPITZ, BUHLER e WALLON, entre outros.

A estruturação psíquica da criança se inicia com o seu corpo, que é um instrumento para sentir e agir, propiciando-lhe dados do mundo exterior e de si mesma.

Como canais fundamentais temos: os órgãos dos sistemas sensorio-perceptivos e órgãos relacionados com a moricidade.

As particularidades biológicas do ser humano, que estruturarão precocemente a sua experiência, são as seguintes:

- a sensibilidade proprioceptiva e interoceptiva tornam a criança mais ou menos sensível às tensões de suas necessidades, à dor procedente de seus órgãos internos e às

variações;

- a maturação precoce da zona oral aumenta a sensibilidade e a conseqüente motricidade dessa parte do corpo;
- o caráter particular dos processos sensório-perceptivos (em especial da visão) e sua função no estabelecimento da relação interpessoal, da exploração, da experiência e do prazer do mundo;
- maturação sucessiva de zonas com sua diferenciação fisiológica marcada (oral, anal, genito-urinária), que, pela sua natureza e contexto cultural, podem desempenhar papel relevante no desenvolvimento da experiência da personalidade;
- as particularidades singulares próprias da personalidade e o nível variável do potencial energético do sujeito, manifesto na intensidade de suas necessidades e tendências básicas e, por acréscimo, na intensidade e urgência da sua expressão e satisfação;
- as características gerais e individuais do sistema nervoso central e neuro-vegetativo (com suas funções de organização, controle e regulação);
- idênticas características do sistema e funções endócrinas e correlações e regulação neuro-glandulares;

Com estes elementos a criança entra em contato com o mundo e reage a essa experiência. A experiência e as reações que ela provoca deixam marca. Esta faz parte da personalidade e, segundo RECA (1973), o mundo endopsíquico principia a construir-se lentamente.

Desde o momento inicial da vida, toda a experiência tem um componente sensível-afetivo. O surgimento da personalidade supõe a progressiva saída da situação e indiferenciação primeira. Após a confusa percepção do mundo e de si, se sucede, passo a passo, a **diferenciação**. O sorriso da criança para a mãe aparece como o primeiro sinal de diferenciação.

Os momentos iniciais da estruturação da vida sensível possuem um caráter dominante de indiferenciação ou, talvez, de uma diferen

ciação rudimentária. É comprovado que desde os primeiros momentos a criança é capaz de experimentar reações afetivas. Estas estão, neste momento, fortemente unidas aos processos orgânicos.

Os estados de prazer e dor jogam papel predominante na estruturação da personalidade infantil.

As tensões geradas pelas necessidades instintivas causam, na criança pequena, estados de dor ou de desprazer, que são eliminados através da satisfação dessas necessidades.

Diversas teorizações tentam explicar o processo de estruturação da sensibilidade nos seres humanos e, embora elas apresentem divergências, coincidem no ponto de que essa sensibilidade inicial, inerente, estrutural e base do desenvolvimento posterior ( que no nosso entender não pára ) vai até a morte ( ou quem sabe além dela ).

### 3. DESENVOLVIMENTO DA SENSIBILIDADE

WALLON (1971) observa que a criança pequena, no início do seu desenvolvimento, é apenas apta para uma atividade rudimentária de satisfação de necessidade, na qual a afetividade consiste simplesmente em manter a satisfação e, conseqüentemente, a sobrevivência.

A criança da espécie humana permanece longos meses sem acesso a uma vida plena de relação. Diz WALLON que "é tão incapaz de manter com o meio físico relações ativas quanto o pinto na sua casca".

As emoções iniciais da criança podem ser colocadas através de uma tríade de manifestações evidentes; são: **alegria, temor e cólera**.

A **alegria** aparece clara e repetidamente no intercâmbio da relação pessoal entre a criança e a mãe. Posteriormente entre a criança e outras pessoas do seu meio ambiente. Alegria é ocasionada pelo êxito em uma atividade. É uma das mais precoces manifestações diferenciadas do prazer funcional e, às vezes, do prazer sensorial. Observa-se a alegria nas atividades integradas do relacionamento humano com finalidades de crescimento, sucesso nas tarefas e apego mútuo.

O **temor** é provocado por situações que a criança vive, ameaçadas para sua segurança ou integridade. As circunstâncias podem es-

tar contidas no mundo físico circundante ou relacionadas com ele (barulhos fortes, quedas...), com o próprio organismo ( grandes transtornos orgânicos ) ou proceder de outras pessoas.

A **cólera** é a reação mais comum à frustração e ao impedimento da atividade. Por isto é frequente a criança bem pequena mostrar-se colérica quando se lhe interrompe o ato de alimentar -se.

Outros dois aspectos da vida afetiva que aparecem no desenvolvimento da infância são a **ansiedade** e o **medo**.

**Ansiedade** é um fenômeno afetivo, um estado difuso de inquietação vivido por uma ameaça não explícita e cujas origens são bastante profundas.

A ansiedade é uma experiência subjetiva do organismo em uma situação catastrófica. A situação pode adquirir o caráter catastrófico quando a criança não consegue fazer frente às suas próprias necessidades e demandas que lhes são colocadas pelo seu organismo. Deste modo, a segurança pessoal torna-se o valor mais significativo da vida infantil e está intimamente unida às condições orgânicas e ambientais que rodeiam a criança.

O **medo** está vinculado ao desenvolvimento da capacidade de reconhecer o perigo e, especialmente, o medo cresce quando não existem condições de controlar a situação.

Toda esta problemática está intimamente unida aos diferentes objetivos e situações que rodeiam a criança e que provocam nela reações afetivas.

Por outro lado, o funcionamento e a maturação orgânica exigem que a criança, como organismo, tenha um desenvolvimento que se adapte às novas funções, que são progressivas e desenvolvem órgãos e estruturas psicofísicas e redundam em atividades e funções pessoais.

Talvez o aspecto mais importante nos primórdios do desenvolvimento da sensibilidade consista no nascimento da vida de relação.

FRANKENSTEIN (1970) confere os pontos de vista até agora colocados, quando diz da absoluta dependência do bebê a respeito da mãe, sua simbiose com ela, assim como a sua sensibilidade extrema com tudo aquilo que acontece no ambiente materno, o que parece confirmar

que no primeiro ano de vida é uma continuação direta do período embrionário e que naturalmente lança as bases do relacionamento posterior, conseguindo discriminar e apreciar a díade mãe-criança, salientada por quase todos os autores, indiferentemente da sua corrente e enfoque.

WALLON desenvolveu, com bastante adequação, o seu sistema de estágios que, de certo modo, já foram por nós analisados. Cabe lembrar que os estágios de **impulsividade motora e emocional** abrangem, segundo este autor, a idade de 0 a 1 ano; o estágio **sensório-motor e projetivo** de 1 a 3 anos e, por último, o estágio do **personalismo**, que abrange de 3 a 6 anos de idade.

Por ser de vital importância, chamamos a atenção a respeito de algumas das suas características. Entre elas cabe destacar a procura da independência e o enriquecimento de si mesma. Os problemas da recusa e da rebeldia parecem ser explicados na tentativa de melhor manter o **universo descoberto** e que se expressa na fascinação da sua imagem nas antinômias da dependência e liberdade.

O mais interessante e curioso consiste em compreender a dimensão da luta pela sua **pessoa**, quando a criança está inserida em um meio familiar e social que a controla e lhe impõe regras, nem sempre justas ou realistas. Os adultos, também em desenvolvimento, nem sempre se apercebem de que a criança consegue ser aquilo que eles almejam para ela, dando-lhe um choque que está intimamente ligado a formas diferentes de **sentir e ver** a vida.

Em trabalho anterior (MOSQUERA, 1982) já tínhamos feito notar como o corpo irá ajudar na construção da imagem/pessoal. WALLON (1971) apresenta idêntico ponto de vista, salientando que as condições psico-biológicas que presidiram os progressos da noção de SI-MESMO corporal vão ceder o primeiro lugar às condições psico-sociais, cuja influência é capital para o desenvolvimento da AUTO-IMAGEM e da AUTO-ESTIMA.

Finalmente, o alcance da socialização, no seu sentido mais lato, faz com que a criança possa reconhecer o valor do outro e sentir **quanto de sensibilidade e afeição** depende dessa necessidade inerente aos vivos para ter amor (BOWLBY, 1984) e EIBL-EIBESFELDT (1977). Ainda cabe acrescentar o sentido dialético da história hu-

mana, que encontra o seu verdadeiro significado não apenas na **satisfação de necessidades** ou aprendizagem de como satisfazer estas necessidades, mas, como diz de forma genial WALLON (1970), no descobrimento do **outro**: " O socius ou o outro é um parceiro perpétuo do eu na vida psíquica".

#### 4. SÍNTESE E QUESTIONAMENTOS

Através de todo este trabalho tratamos de evidenciar a dificuldade em definir a criança. Deixamos bem claro, entretanto, que ela é um **ser particular e único**, cuja meta principal é desenvolver-se e crescer, procurando achar sentido para sua vida.

Por outro lado, a afetividade é energia básica para o Desenvolvimento da Personalidade, ela está contida na **sensibilidade inicial** e na capacidade de experimentar alegrias, angústias, medos e insatisfações quando o processo de sobrevivência parece **em perigo**.

Poderíamos dizer também que o Desenvolvimento Humano, segundo RECA (1973), é produto da interação de fatores intrínsecos, cuja síntese ainda mal conhecemos. Consideramos como fatores intrínsecos a maturação, as características da espécie, da raça e o **propriamente individual**, que constitui mais tarde o SI-MESMO.

Como fatores extrínsecos temos as necessidades e satisfações da criança que emanam, por sua vez, das seguintes fontes:

- **ambiente físico**: o berço, os braços da mãe, os brinquedos, o espaço disponível;
- **as pessoas**: que são fontes fundamentais da experiência e que podem possibilitar atitudes de afeto, aceitação, tolerância, compreensão, crítica e rejeição.

A criança é também em si, um **condicionante da experiência**, pois o seu nível de maturação, as condições da sua individualidade, sem dúvida, jogam papel preponderante.

Creemos, pois, que todos os fatores são significativos na medida em que se relacionam com o SI-MESMO, pois o distintivo especial da estruturação da vida sensível emana do gradual reconhecimento que a criança, mesmo em níveis muito rudimentares, faz de si mesma.

Ante todo o exposto cabe, agora fazer alguns questionamentos

bastante embaraçosos, porém salútares. Assim temos:

- Conhecemos suficientemente o desenvolvimento da vida sensível na criança a ponto de entendermos a sua HUMANIDADE?
- Os nossos **ideais e recursos pedagógicos** provêm um **ser humano** igual a nós e diferente de nós, com o qual temos que conviver e, ao que parece, educar ?
- Como é o nosso desenvolvimento sensível? Acreditamos que o amor é melhor que o ódio? Sentimos que todos temos necessidade de **vinculação**?
- Até que ponto um preparo de educadores da Pré-Escola no sentido mais amplo, leva em conta a sensibilidade, os sentimentos e os valores para um SER HUMANO MELHOR? É viável isto?

Para finalizar parecem-nos oportunas as palavras de MENDEL (1973, p. 232-33):

"A infância não é um tempo de preparação para o estado adulto, e ainda menos o tempo de aprendizagem de um ofício. Sem dúvida que é isso também. Mas poderia ser antes de mais nada o pleno desabrochar, destinado a tornar-se definitivo ao longo da vida, das características do estado de infância. O corolário desta proposição é que é tão importante que a influência se exerça da criança para o adulto como em sentido inverso. Assim a criança identificar-se-ia parcialmente com o adulto e este último não deixaria (para preservar o seu estado de infância) de se identificar com a criança. De qualquer modo, como vimos, a criança exerce hoje uma influência sobre o adulto: todo o livre desenvolvimento da criança que a sociedade adulta favorecesse seria, secundariamente, um fator de desenvolvimento do adulto".

##### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 ARIÈS, P. *L'Enfant et la vie familiale sous l'Ancien Régime*. Paris, Plon, 1960.

- 2 BIJOU, Sidney W. & BAER, Donald M. **Psicologia del desarrollo infantil**. México, Trillas, 1975, v. 2.
- 3 BOWLBY, John. **Apego**. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- 4 CHAPMAN, A.H. **Management of emotional problems of children and adolescents**. Philadelphia, Lippincott, 1974.
- 5 DEBESSE, Maurice. **Psicologia da criança**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1972.
- 6 DeMAUSE, L. The evolution of childhood. **History of childhood quarterly**. 1:4, 1974.
- 7 EIBL-EIBESFELDT, I. **Amor e ódio**. Lisboa, Bertrand, 1977.
- 8 FRANKENSTEIN, Carl. **Las raíces del yo**. Buenos Aires, Troquel, 1970.
- 9 GORDON, Ira J. **Human development a transactional perspective**. New York, Harper & Row, 1975.
- 10 GRATIOT-ALPHANDÉRY, H & ZAZZO, René. **Tratado de psicología del niño**. Madrid, Morata, 1972, v. 1.
- 11 JERSILD, Arthur T. **Psicologia da criança**. Belo Horizonte, ITATIATA/MEC, 1973.
- 12 MAHLER, Margareth; PINE, Fred & BERGMAN, Anni. **O nascimento psicológico da criança**. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.
- 13 MENDEL, Gérard. **Para descolonizar a criança**. Lisboa, Dom Quixote, 1973.
- 14 MOSQUERA, Juan J.M. A criança pré-escolar e alguns dos seus sentimentos. **Educação e Sociedade**, 7(2):3, maio/ago., 1982.
- 15 RECA, Telma. **Psicología, psicopatología y psicoterapia**. México, Siglo XXI, 1973.
- 16 RIBOT, J.S. **La psicología de los sentimientos**. Buenos Aires, Albatros, 1945.
- 17 WALLON, Henri. **As origens do caráter na criança**. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.

- 
- 18 WALLON, Henri. **Psicologia e Educação da criança**. Lisboa, Vega, 1979.
- 19 ZLOTOWICZ, Michel. **Os medos infantis**. Rio de Janeiro, Zahar , 1976.

